

A tentação que amedronta a Europa

Num controverso *best-seller*,
um renomado observador político francês
mostra por que os partidos comunistas
estão fazendo perigosos avanços

JAMES O. GOLDSBOROUGH

Dois dias antes de assinar o Programa Comum de Governo da esquerda – um acordo político com os socialistas –, em 1972, o líder comunista francês Georges Marchais anunciou secretamente a seu partido que a nova aliança não iria alterar de modo algum os objetivos comunistas e denunciou seus novos aliados como reformistas incuráveis.

Esses detalhes reveladores são contados num livro que tem perturbado a calma e o sono dos leitores por toda a Europa: *A Tentação Totalitária*, de autoria do escritor francês Jean-François Revel*.

Os conceitos nele apresentados são tão simples como inquietantes: os totalitários, tanto de direita como de esquerda, provavelmente eliminarão em breve não apenas o capitalismo, mas todas as formas de governo democrático. Revel salienta que, hoje em dia, somente 28 a 30 dos cerca de 145 países independentes do mundo são democracias. Na Ásia, na África e na América Latina, novos governos totalitários vêm emergindo sob os mais diversos disfarces; até mesmo em alguns países da Europa Ocidental, os partidos comunistas estão-se aproximando cada vez mais do poder.

Segundo Revel, grande parte da culpa dessa expansão do comunismo recai sobre os socialistas e os

* Editado no Brasil pela DIFEL, Av. Passos, 122, 11.º andar, Rio de Janeiro, e em Portugal pela Livraria Bertrand.

liberais que se deixaram ludibriar e manipular pelos comunistas. «O erro da esquerda não comunista», escreve Revel, «exceto quando ela opta nitidamente pela social-democracia, é pensar que o comunismo é uma forma de socialismo. Ora, na verdade, não o é. O verdadeiro objetivo do comunismo é destruir o capitalismo, não para instalar o socialismo, mas para colocar a economia e o homem a serviço de uma 'nova classe' dirigente (que nem sequer é assim tão 'nova') – a burocracia.» A tragédia de inúmeros socialistas europeus é que eles acreditam que estão servindo o progresso e a democracia quando, na realidade, estão servindo apenas os interesses do Partido Comunista.

Esse é um juízo que Revel está bem abalizado a fazer. Jornalista altamente conceituado e independente, é autor de livros que vão desde uma *História da Filosofia Ocidental* a estudos individuais como *Nem Marx nem Jesus*, *Pela Itália* e *Na França*; além disso, é colunista do semanário francês *L'Express*. Em 1967, antes de os socialistas se terem aliado aos comunistas, ele candidatou-se, mas sem sucesso, com apoio dos socialistas, à Assembleia Nacional. Seu recente livro é essencialmente um apelo à sobrevivência da social-democracia, e a posição de Revel como aliado dos socialistas só veio aumentar o clamor quando a obra foi lançada. O autor foi injuriado pelos comunistas, atacado pela imprensa socialista e geralmente denunciado pelos círculos

esquerdistas como um traidor que estava «fazendo o jogo da direita». Mas, das quase oito mil cartas que recebeu de seus leitores, bem mais de 70% eram-lhe favoráveis.

A análise de Revel não poderia ter surgido em momento mais oportuno. Na Itália e na França, os partidos comunistas estão agora em boa posição para alcançar o poder; na Espanha, o partido foi recentemente legalizado; por toda a Europa, está havendo uma cisão entre os partidos socialistas favoráveis a uma aliança com os comunistas e os que repudiam essa ligação. Por que é que os comunistas estão desfrutando de tanto sucesso?

Na opinião de Revel, é porque eles têm tirado força dos socialistas e dos outros simpatizantes, apelando para um enganoso conceito de solidariedade esquerdista que preconiza que qualquer coisa é preferível à divisão das classes trabalhadoras. Em virtude disso, segundo Revel, os socialistas liberais estão sempre vendo os primeiros indícios de democratização naquilo que, na realidade, é apenas uma tática clássica da plataforma comunista: a frente popular, ou união da esquerda. Os comunistas apóiam essa manobra porque ela lhes permite evitar a confrontação direta com a direita e com o centro (forças políticas presentemente muito poderosas) e porque evita a formação de um grupo social-democrata independente, que poderia afetar o voto comunista. A união da esquerda oferece aos comunistas sua

única oportunidade realista de alcançarem o poder por meios democráticos.

Enquanto isso, os socialistas vão vivendo na ilusão de que, juntando-se a eles, podem servir como influência moderadora sobre os comunistas. Para Revel, o erro permanente dos socialistas consiste em suporem que o comunismo pode não ser stalinista. O Partido Comunista é, por natureza, stalinista, e deverá permanecer assim para sobreviver. «O que varia», diz Revel, «não é o sistema stalinista, mas o rigor mais ou menos acentuado com que é imposto. Kruchchev e Brejnev não foram menos stalinistas que Stalin, no sentido em que mantiveram o seu regime. Enviaram tropas para os países satélites sempre que foi necessário. Simplesmente, têm sido menos sanguinários do que Stalin e puseram fim aos morticínios disfarçados de julgamentos; mas o aparelho policial, as prisões arbitrárias, os campos de trabalho forçado e todo o sistema totalitário de controle dos indivíduos e das idéias — tudo isso tem continuado. Não podia ser de outra maneira. Seja em Moscou, em Pequim ou em Hanói, um comunismo que não fosse stalinista destruir-se-ia a si próprio.»

Revel oferece algumas visões fascinantes do estranho mundo em que os socialistas são obrigados a viver em sua incompatível aliança com os comunistas. Lembra que, depois da queda da ditadura em Portugal, os socialistas franceses es-

tavam resolvidos a ignorar os embaraçosos excessos e o mau governo dos comunistas portugueses. Do mesmo modo, entre os socialistas, era considerado pura calúnia o fato de dizer fosse o que fosse sobre alguns dos defeitos nitidamente evidentes do regime de Allende no Chile; e só em 1970 é que os adeptos de Fidel Castro admitiram que as deficiências da economia cubana eram devidas mais a falhas do governo do que a manobras dos norte-americanos. Revel chega à conclusão de que não é porque um governo injusto é derrubado que o que lhe sucede tem de ser necessariamente justo.

O autor afirma que os socialistas são tão tímidos quanto a críticas aos comunistas não apenas porque estão preocupados em desarticular a acalentada frente popular, mas porque temem ser tachados de fascistas ou lacaios da direita. Os comunistas reforçam esses temores rejeitando críticas legítimas dos socialistas, por muito brandas que elas sejam, como sendo «anticomunismo primário» ou «um complô internacional sabiamente 'orquestrado' pelos 'adversários da *détente*'». Por seu turno, os comunistas ficam sempre mais do que felizes ao criticarem seus aliados.

Na opinião de Revel, a aceitação por parte dos socialistas dos excessos do comunismo significa que a única crítica sistemática tem provindo da direita conservadora — a qual é imediatamente suspeita, sob alegação de tratar-se de preconceito

e de interesse próprio. Em tais circunstâncias, não é de admirar portanto que um número cada vez maior de pessoas esteja sucumbindo à «tentaçao totalitária» (propensão de se aceitar uma nação-estado autocrática camuflada de regime revolucionário).

Além disso, os comunistas também têm desempenhado um papel extraordinariamente bom, fazendo as massas acreditar que o descontentamento que se verifica em todas as sociedades industrializadas é unicamente um amargo fruto do capitalismo de livre-empresa. Por isso, para muitos, o comunismo significa o reverso das falhas, reais ou imaginárias, da sociedade em que vivem. Os comunistas e os socialistas franceses, em seu Programa Comum de Governo do Partido Comunista e do Partido Socialista, manipularam astutamente esse conceito, alegando que toda a poluição era consequência do sistema capitalista, ignorando a poluição cada vez mais acentuada nos países do mundo comunista industrializado. De fato, segundo Revel, é moda hoje em dia nos círculos intelectuais atribuir ao capitalismo praticamente todos os males sociais, políticos e econômicos do mundo... apesar de muitos desses problemas já existirem muito antes da implantação do capitalismo.

Revel não tenta esconder aquilo que considera falhas do capitalismo, mas também é de opinião de que os mitos do socialismo ocultam simultaneamente as incompetências do

comunismo e as autênticas realizações das democracias capitalistas. «Com efeito, a questão essencial neste aspecto», escreve ele, «é saber não unicamente se o capitalismo tem defeitos, mas se apresenta mais ou menos deficiências do que os outros sistemas econômicos atuais ou do passado, e se seus defeitos são mais graves ou menos do que os dos outros.»

Pautando-se por esse padrão, Revel conclui que o capitalismo e a social-democracia comprovaram ser bons sistemas. Diz-nos, por exemplo, que na França, no ano de 1900, os operários de mais baixo salário precisavam de cinco horas de trabalho para comprar uma caderneta de dez bilhetes de metrô; em 1971, necessitavam apenas de uma hora e 40 minutos de trabalho. Em 1906, o carro francês mais barato custava aos operários menos remunerados dez mil horas de trabalho; hoje, o modelo equivalente custa-lhes entre mil e quinhentas e duas mil horas. Nas sociedades comunistas até hoje ainda não foi possível aumentar os padrões de vida nessa proporção. «Sem dúvida», escreve Revel, «que o capitalismo é criador de desigualdade, exatamente como os outros sistemas passados ou presentes, mas pode também dizer-se que ele corrige melhor essa desigualdade.»

Tomando-se o argumento dos comunistas de que não existe inflação nos países de economia controlada, Revel contrapõe que a inflação não pode ser determinada se os pre-

ços estão congelados, e remata ironicamente: «Se um produto não existe, seu preço não pode subir.» Salienta que há outras maneiras de avaliar a inflação no mundo comunista carente de produtos de primeira necessidade, como por exemplo observar as longas filas defronte dos armazéns do Estado, ou nas lojas especiais reservadas aos privilegiados (os que dispõem de divisas fortes).

Embora o desemprego seja indiscutivelmente um importante problema no mundo capitalista, o capitalismo pelo menos já resolveu a questão-chave do desemprego: a degradante miséria física. «Estar sem trabalho não equivale, de forma alguma, a ficar sem recursos», escreve Revel. Agora, os desempregados podem viver de subsídios estatais. No sistema comunista soviético (com praticamente toda a população trabalhando no campo, em fábricas ou escritórios, e com inúmeros cidadãos internados em campos especiais), muito poucos indivíduos são considerados desempregados. «Existe, no entanto, um desemprego socialista», escreve o autor, «que se traduz por um desemprego crônico, acompanhado pelas correspondentes amputação e estagnação do nível de vida, com seus inelutáveis corolários: o absentismo e o mercado negro do trabalho.»

Em termos de produção, o mundo comunista é nitidamente menos próspero. Revel diz que «uma terça parte da população ativa

da União Soviética trabalha na agricultura, produzindo uma quantidade de alimentos muito inferior às necessidades de cerca de 242 milhões de habitantes; por outro lado, os 4% da população ativa norte-americana que se dedicam à agricultura produzem uma quantidade de alimentos muito superior às necessidades de aproximadamente 210 milhões de cidadãos, e ainda ficam excedentes que são exportados para o mundo inteiro...»

A mais severa crítica contra o livro de Revel é a de que não dá a devida importância às transformações no mundo comunista atual. O autor não nega que esteja surgindo uma espécie de «neocomunismo», mas, no momento, só vislumbra indícios dele na Itália. Quanto às tão apregoadas mudanças no Partido Comunista Francês, Revel as considera simples impostura, e acha ilusória a nova independência dos partidos comunistas de outros países em relação a Moscou.

O escritor também não se impressiona com os argumentos dos socialistas, que acham que ele não lhes faz a devida justiça por forçarem os comunistas a transformações liberais. Afinal, interrogam eles, não é um fato que os socialistas acabaram por vencer em Portugal? E a aliança dos socialistas franceses com os comunistas não ajudou a aumentar sua percentagem de votos de apenas 5% em 1969 para mais de 30% nas pesquisas de opinião pública efetuadas hoje em dia? Estes argumentos podem ter alguma validade, mas

não tocam no ponto essencial de desacordo que é simplesmente este: os socialistas acham que são aliados dos comunistas, enquanto Revel acredita que sejam suas vítimas.

Em seu todo, o livro é profundamente pessimista. O autor não apresenta quaisquer soluções; apenas adverte seus amigos socialistas de que estão seguindo um caminho errado. É possível passar-se do capitalismo para o socialismo, é o que ele afirma em síntese, mas não do comunismo para o socialismo.

Apesar de tudo, as conclusões de Revel não devem ser interpretadas como significando que a tendência socialista em direção ao comunismo é irreversível. O falecido economista político Joseph Schumpeter observou: «A notícia de que um navio está prestes a afundar não é derrotista; só será derrotista o espírito com que tal notícia for recebida. A tripulação pode cruzar os braços e deixar-se ir para o fundo... mas também pode correr para as bombas de sucção.»



NA DÉCADA de 1930, quando se descobriu em Minnesota uma ossada humana com dez mil anos, os cientistas e a imprensa alardearam a descoberta de um «Homem de Minnesota». As investigações subsequentes provaram que os ossos eram de mulher, mas levou quase meio século para se trocar a antiga denominação por «Mulher de Minnesota» – fato, aliás, que exigiu em 1976 uma lei especial do legislativo daquele estado norte-americano.

– W. D.

OFERECERAM-ME queijo num restaurante chique, e eu escolhi *gruyère*, mas, quando o garçom me trouxe um pedaço, meu anfitrião suspeitou: «Parece *emmenthal*. Os buracos são pequenos demais para ser *gruyère*.»

«Meu caro senhor», preveniu o garçom cheio de dignidade, «o queijo é *gruyère* – quanto aos buracos, não posso afirmar.»

– Shirley Poulson Camberley, England

HA meses, a rainha Elizabeth compareceu à inauguração das novas rotativas dos jornais londrinos *Evening Standard* e *Daily Express* e as pôs em funcionamento. Mas como só membros do sindicato têm permissão de trabalhar com as rotativas, a rainha, primeiro, teve de tornar-se membro honorário da Sociedade Nacional de Operadores Impressores, Gráficos e Meios de Comunicação. Assim é o poder da monarquia na Grã-Bretanha...

– C. O.